

Tecnólogas vítimas do Clube do Bolinha

A edição de 18 de agosto da revista *Business Week*, edição especial sobre o Vale do Silício, na Califórnia, publicou artigo do jornalista Steve Hamm, com o sugestivo título *Por que as mulheres são tão invisíveis?*, no qual trata da pequeníssima presença de mulheres nos cargos executivos de empresas de tecnologia de ponta do Vale, seja como assalariadas ou proprietárias.

Citando dados da CorpTech, uma companhia editora de Woburn, Massachussets, Hamm afirma que entre as 1.686 maiores companhias de tecnologia do Vale apenas 5,6% têm mulheres em cargo de chefia. Uma única mulher, Carol Bartz, é a principal executiva de uma grande empresa, a Autodesk Inc. E dá, entre outros, o depoimento de Anita Borg, uma pesquisadora sênior da Digital Equipment, em Palo Alto, segundo a qual as idéias das mulheres são subestimadas ou ignoradas. "A gente bate com sexismo sutil todos os dias. É como a tortura do pingo d'água. Vai desgastando aos poucos", disse ela.

Talvez por isso, menos mulheres estão procurando se formar em Ciências da Computação, nos Estados Unidos, segundo o artigo. Em 1984, 37,1% das graduações universitárias na área eram de mulheres, de acordo com dados do Centro Nacional para Estatística da Educação. Onze anos depois, o índice havia caído para 28,4%.

Com poucas perspectivas de ascensão profissional, a alternativa de muitas tecnólogas do Vale do Silício tem sido criar sua própria empresa, o que vem acontecendo em maior número nos últimos três anos. Mesmo assim, elas enfrentam enormes dificuldades para conseguir financiamento, mesmo que possuam doutorado, experiência e competência comprovada, e excelentes projetos. "Entre 1991 e o terceiro trimestre de 1996", escreve Steve Hamm, "as companhias criadas e dirigidas por mulheres receberam apenas 1,6% dos US\$ 33,5 bilhões de capital de risco investidos em tecnologia".

E como anda a participação das



Carol Bartz, principal executiva da Autodesk Inc., em foto publicada na *Business Week*

mulheres na coordenação de projetos de pesquisa científica e tecnológica no Brasil? No âmbito da FAPESP, 18% dos projetos temáticos realizados entre 1990 e 1995, e já encerrados, eram coordenados por mulheres; entre os que estão em andamento, 21% estão sob a coordenação de mulheres.

Pedidos de reconsideração

Em todos os seus programas regulares (bolsas e auxílios) a FAPESP garante, ao pesquisador que teve a sua solicitação denegada, o direito à reanálise, mediante a apresentação de pedido de reconsideração da decisão inicial. Nesses casos, a Fundação adota alguns procedimentos que são necessários serem levados em conta pelo pesquisador, para que o andamento do pedido seja feito com brevidade.

Os pedidos de reconsideração são enviados sempre, sem exceção, à consideração do assessor cujo parecer fundamentou a decisão da FAPESP. Assim, a contestação ao parecer inicial deve ser feita em termos estritamente técnicos. Pedidos de reconsideração nos quais a resposta ao parecer tente desqualificar o trabalho da assessoria não serão processados pela Fundação.

Se o solicitante entender como necessário e cabível contestar a qua-

lidade do parecer ou a própria adequação do assessor, deverá fazê-lo em carta à parte, dirigida ao Diretor Científico da FAPESP, justificando pedido para que seja ouvido um segundo assessor. Mas, mesmo quando a Diretoria Científica decide consultar um segundo assessor, isto só é feito depois de ouvido o assessor inicial do processo. Nesses casos, os prazos de análise são maiores.

A FAPESP busca sempre, em todos os pedidos de reconsideração, criar um espaço para o diálogo entre a assessoria e o pesquisador solicitante, resultando, muitas vezes, em alteração da decisão inicial ou em reformulação de projetos que, em suas versões modificadas, tiveram sua aprovação recomendada. Essa possibilidade, segundo o diretor científico, José Fernando Perez, tem sido considerada um fator de qualidade na atuação da Fundação.

Pesquisa na OCDE

Os investimentos em pesquisa e desenvolvimento entre os países industrializados da OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, medidos coletivamente, voltaram a crescer, segundo dados publicados na revista *Nature*, edição de 7 de agosto último. Entre 1994 e 1995, o total de investimentos feitos em P&D pelos 27 países membros passou de 2,1% para 2,2% do conjunto de seus PIBs (Produto Interno Bruto), o primeiro crescimento desde 1990, quando os investimentos representaram 2,4% do PIB. O maior aumento dos investimentos em P&D veio dos países asiáticos, com destaque para o Japão que, em 1995, investiu 2,8% do seu PIB no setor. Os países da América do Norte, liderados pelos Estados Unidos, também gastaram mais com P&D em 1995 do que no ano anterior (2,4%), enquanto os investimentos feitos pela União Européia caíram de 1,9% para 1,8%.